

Um recorde de cheques sem fundos

Declínio da renda dos brasileiros provoca aumento do calote e volume de cheques devolvidos é o maior em uma década

SÔNIA ARARIPE



Mais um indicador da queda da renda dos brasileiros. O total de cheques devolvidos por falta de fundos em março de 2002 bateu a pior marca desde 1991, quando esta série de indicadores foi criada pela Serasa, empresa de informação de crédito. De acordo com estatísticas divulgadas ontem, para cada mil cheques compensados, 16,2 foram devolvidos.

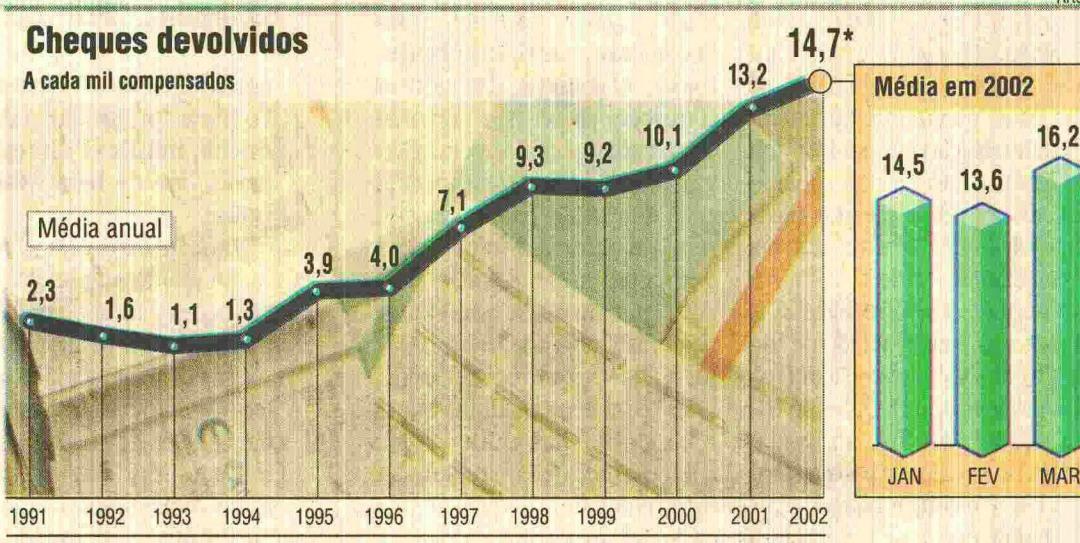
O recorde anterior foi registrado em janeiro deste ano, quando retornaram 14,5 cheques para cada mil compensados. Em março de 2001, esse número era de 13,9 para cada mil cheques. Tradicionalmente, o primeiro trimestre do ano costuma mostrar uma verdadeira "indigestão" financeira do crédito. Além das compras de Natal, há também os gastos extras de impostos, como o IPVA e o IPTU, sem falar nas matrículas de escolas e faculdades.

O problema, observa o analista econômico da Serasa, Carlos Henrique de Almeida, é que houve a combinação de outros fatores negativos. "Os juros estão em alta e as tarifas de preços administrados, como luz, água e gasolina, também subiram. São contas que não podem ser cortadas. Aí, os cheques ficam sem fundos", observa Almeida.

Drama – Apesar em março deste ano, comparado com o mesmo período do ano passado, o volume de cheques devolvidos por falta de fundos cresceu 16,5%. "São números que ajudam a ilustrar o drama vivido hoje por milhões de brasileiros. A renda caiu, muitos estão sem emprego e o comércio faz muita propagan-

Cheques devolvidos

A cada mil compensados

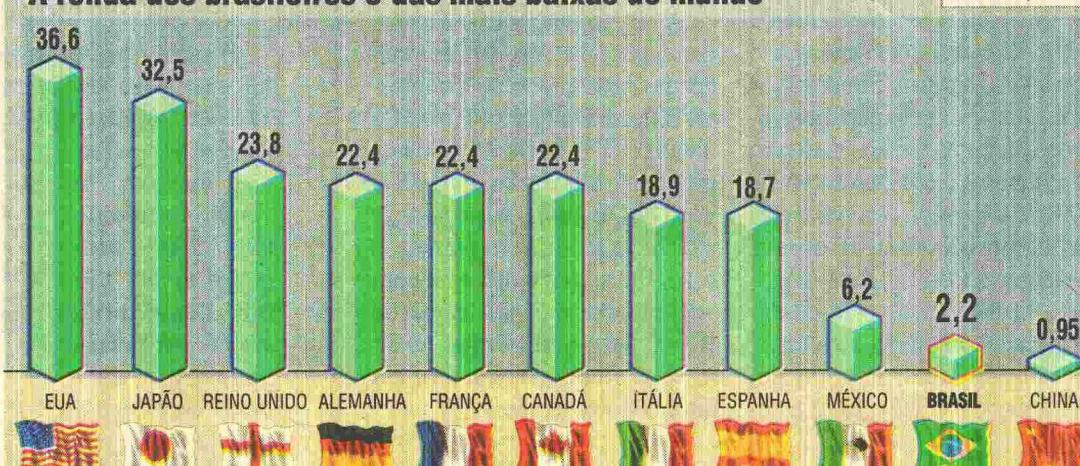


Fonte: Serasa

Arte JB

A renda dos brasileiros é das mais baixas do mundo

Em US\$ mil



Fonte: Global Invest, com base em dados da OCDE

da, empurrando produtos para quem não tem mais condições de se endividar", adverte o consultor financeiro Louis Frankenberg, especialista em finanças pessoais.

No mês passado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados que, quando comparados com os de outros países, mostram como a renda per capita do brasileiro é uma das menores do mundo: foi de US\$ 2,2 mil no ano passado, contra US\$ 6,2 mil dos mexicanos e bem abaixo da registrada nos países desenvolvidos – como a dos espanhóis, de US\$ 18,7 mil, ou a dos ita-

lianós, de US\$ 18,9 mil.

Frankenberg adverte que muitos brasileiros estão iludidos acreditando que ainda há correção dos salários, enquanto o fenômeno é exatamente o inverso: a inflação corrói o poder de compra e nenhum investimento cobre a garfada dos juros altos. "É um absurdo que a caderneta de poupança renda menos do que 1% ao mês, enquanto os juros do crediário ou do cartão de crédito chegam a 11% ao mês", lamenta Frankenberg.

Juros – O economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central e assessor econômico da Confe-

deração Nacional do Comércio, prevê que a inadimplência continuará alta. "Os juros elevados dificultam que alguém saia da bola-de-neve das dívidas. Não há nem mais furo no cinto para apertar o orçamento doméstico", lembra Gomes.

O vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos Financeiros (Anefac), Miguel Ribeiro de Oliveira, acrescenta os consumidores não são os únicos culpados pelos cheques *borrachudos* (que batem e voltam). "O comércio tem sua parcela de responsabilidade por ter dado crédito para quem nem tinha condições", diz.